

SAUL BELLOW

Herzog

Tradução

José Geraldo Couto

Introdução

Philip Roth

Copyright © 1961, 1963, 1964 by Espólio de Saul Bellow
Copyright renovado © 1989, 1991, 1992 by Espólio de Saul Bellow
Copyright da introdução © 2001 by Philip Roth

Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Herzog

Capa

Elisa v. Randow

Foto de capa

© Lambert/ Archive Photos/ Getty Images

Preparação

Ana Cecília Água de Mello

Revisão

Valquíria Della Pozza

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bellow, Saul, 1915-2005.

Herzog / Saul Bellow ; tradução José Geraldo Couto. — São
Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Herzog

ISBN 978-85-359-1926-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

11-07680

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Se estou louco, tudo bem para mim, pensou Moses Herzog.

Algumas pessoas achavam que ele não estava regulando bem e por um tempo ele mesmo tinha questionado sua sanidade. Mas agora, embora continuasse se comportando estranhamente, sentia-se confiante, animado, clarividente, forte. Em estado de graça, estava escrevendo cartas para todo mundo sob o sol. Estava tão agitado por essas cartas que, desde o final de junho, ia de um lugar para o outro com uma valise cheia de papéis. Tinha carregado essa valise de Nova York a Martha's Vineyard, mas voltara de Vineyard imediatamente; dois dias depois voou para Chicago, e de Chicago foi para um vilarejo no oeste de Massachusetts. Escondido no campo, escreveu incessantemente, fanaticamente, aos jornais, a pessoas na vida pública, a amigos e parentes e, por último, para os mortos, para seus próprios mortos obscuros e finalmente para os mortos famosos.

Era o auge do verão nos Berkshires. Herzog estava sozinho no velho casarão. Normalmente cheio de caprichos em matéria de comida, agora ele comia pão de fôrma Silvercup, feijão enlatado e queijo americano. De quando em quando colhia framboesas no jardim coberto de mato, erguendo os ramos espinhentos sem muito cuidado. Quanto ao sono, dormia num colchão sem lençóis — era sua cama de casal abandonada — ou na rede, coberto por seu

casaco. Capim barba-de-bode bem alto e mudas de alfarrobeira e de bordo se espalhavam pelo terreno em volta. Quando abria os olhos à noite, as estrelas estavam próximas como corpos espirituais. Fogos, evidentemente; gases — minerais, calor, átomos, mas eloquentes às cinco da manhã para um homem numa rede, enrolado em seu casaco.

Quando algum novo pensamento se apossava do seu coração, ele ia para a cozinha, seu quartel-general, para passá-lo para o papel. A tinta branca das paredes de tijolo estava descascando e Herzog às vezes limpava cocô de camundongo de cima da mesa com a manga da camisa, perguntando-se calmamente por que motivo os camundongos tinham tamanha paixão por cera e parafina. Eles faziam buracos nas compotas lacradas com parafina; roíam até o pavio as velas de aniversário. Um rato cavou um túnel num pacote de pão de fôrma, deixando um molde do seu corpo nas fatias. Herzog comeu a metade que sobrou, lambuzada de geleia. Era capaz de compartilhar com os ratos também.

Enquanto isso, um canto da sua mente permanecia aberto ao mundo exterior. Ouvia os corvos pela manhã. Seus gritos estridentes eram deliciosos. Ouvia os tordos ao anoitecer. À noite havia uma coruja. Ao caminhar pelo jardim, excitado por uma carta mental, via rosas se enroscando na calha de chuva; ou amoras — os pássaros se fartando na amoreira. Os dias eram quentes, as noites afogueadas e poeirentas. Ele olhava para tudo com vista apurada, mas se sentia meio cego.

Seu amigo, seu ex-amigo, Valentine, e sua mulher, a ex-mulher de Herzog, Madeleine, tinham espalhado o boato de que sua sanidade tinha ruído. Seria verdade?

Ele estava dando uma volta em torno da casa deserta e viu o vulto de seu rosto numa janela cinza, cheia de teias de aranha. Ele parecia estranhamente tranquilo. Uma linha radiante partia do meio da sua testa, passava sobre o nariz reto até os lábios cheios e mudos.

No final da primavera Herzog tinha sido subjugado pela necessidade de explicar, de pôr para fora, de justificar, de colocar em perspectiva, de esclarecer, de retificar.

Naquela época ele vinha dando aulas para adultos numa escola noturna

de Nova York. Estava razoavelmente lúcido em abril, mas no final de maio começou a variar. Ficou evidente para seus alunos que eles nunca aprenderiam muito sobre as raízes do romantismo, mas veriam e ouviriam coisas esquisitas. Uma depois da outra, as formalidades acadêmicas foram desaparecendo. O professor Herzog tinha a franqueza inconsciente de um homem profundamente absorto. E perto do final do período letivo havia longas pausas em suas aulas. Ele parava, murmurando “Me desculpem”, vasculhando os bolsos do casaco à procura de uma caneta. Sobre a mesa rangente, ele escrevia em pedaços de papel com uma grande tensão da mão ansiosa; estava tomado, os olhos circundados por olheiras escuras. Seu rosto pálido mostrava tudo — tudo. Estava argumentando, debatendo, estava sofrendo, tinha pensado numa alternativa brilhante — ora estava tolerante, ora mesquinho; seus olhos, sua boca deixavam tudo claro sem palavras — o desejo, o fanatismo, a amarga fúria. Dava para ver tudo isso. A classe esperava três minutos, cinco minutos, em completo silêncio.

A princípio não havia padrão algum nas anotações que ele fazia. Eram fragmentos — sílabas sem sentido, exclamações, provérbios e citações distorcidos ou, no iídiche de sua mãe morta há muito tempo, *Trepverter* — réplicas que vinham tarde demais, quando você já estava descendo a escada.

Escreveu, por exemplo, *Morte — morrer — viver de novo — morrer de novo — viver*.

Pessoa nenhuma, nenhuma morte.

E: *Com a alma de joelhos? Talvez também seja útil. Para esfregar o chão.*

Em seguida: *Responde a um doido de acordo com a doidice dele, para que ele não se julgue um sábio.*

Não respondas a um doido de acordo com a doidice dele, para que não te iguales a ele.

Escolhe uma.

Anotou também: *Vejo por Walter Winchell que J. S. Bach calçou luvas negras para compor um réquiem.*

Herzog mal sabia o que pensar desses rabiscos. Capitulava à excitação que os inspirava e de vez em quando suspeitava que talvez fossem um sintoma de desintegração mental. Isso não o assustava. Deitado no sofá da quitinete que ele alugara na rua 17, ele às vezes imaginava que era uma indústria que produzia história pessoal e via a si próprio do nascimento à morte. Admitiu, num pedaço de papel,

Não posso justificar.

Considerando sua vida como um todo, ele se dava conta de que tinha lidado mal com tudo, tudo. Sua vida estava, como se diz, arruinada. Mas já que, para começo de conversa, ela nunca tinha sido grande coisa, não havia muito a prantear. No sofá malcheiroso, pensando nos séculos, no XIX, no XVI, no XVIII, ele sacou, do último, um ditado do qual gostou:

O pranto, Senhor, é uma espécie de preguiça.

Continuou fazendo seu balanço, deitado de bruços no sofá. Era um homem inteligente ou um idiota? Bem, naquele momento não podia se dizer inteligente. Ele talvez tivesse tido no passado o potencial de um indivíduo engenhoso, mas em vez disso optara por ser sonhador, e os espertinhos o depenaram. O que mais? Estava perdendo o cabelo. Lia os anúncios dos Thomas Scalp Specialists, com o exagerado ceticismo de um homem cuja ânsia de acreditar era profunda, desesperada. Especialistas em couro cabeludo! No entanto... era um homem que tinha sido bonito. Seu rosto revelava o quanto tinha apanhado na vida. Mas ele tinha pedido para apanhar também, e dera força a seus agressores. Isso o levava a avaliar seu próprio temperamento. Que tipo de temperamento era esse? Bem, no vocabulário moderno, era narcísico; era masoquista; era anacrônico. Seu quadro clínico era depressivo — não do tipo mais grave; não um maníaco-depressivo. Havia estropiados piores à sua volta. Se você acreditasse, como todo mundo aparentemente acredita hoje em dia, que o homem era o animal doente, então estaria ele espetacularmente doente, excepcionalmente cego, extraordinariamente degradado? Não. Era inteligente? Seu intelecto teria sido mais efetivo se ele tivesse contado com um temperamento paranoico agressivo, ávido pelo poder. Era ciumento, mas não excepcionalmente competitivo, não um verdadeiro paranoico. E o que dizer de sua instrução? — Era obrigado a admitir, agora, que não chegava a ser um professor competente, tampouco. Oh, ele se aplicava, tinha uma sinceridade ampla e imatura, mas talvez nunca viesse a conseguir ser sistemático. Tinha tido um começo brilhante com sua tese de ph.D. — *O estado de natureza na filosofia política inglesa e francesa dos séculos XVII e XVIII*. Tinha em seu currículo também vários artigos e um livro, *Romantismo e cristianismo*. Mas os demais projetos ambiciosos tinham definhado, um depois do outro. No embalo de seus primeiros sucessos, ele nunca tivera dificuldade de encontrar trabalho e obter financiamentos para pesquisa. A Narragansett

Corporation tinha lhe pagado quinze mil dólares ao longo de vários anos para que continuasse seus estudos sobre o romantismo. Os resultados jaziam no armário, numa velha pasta — oitocentas páginas de argumentação caótica que nunca tinham encontrado seu foco. Era doloroso pensar nisso.

No chão, bem do seu lado, havia pedaços de papel, e ele ocasionalmente se curvava para escrever.

Agora ele registrava: *Não aquela longa doença, minha vida, mas aquela longa convalescença, minha vida. A revisão liberal-burguesa, a ilusão do progresso, o veneno da esperança.*

Pensou por um momento em Mitrídates, cujo organismo aprendera a se fortalecer com o veneno. Ele tapeou seus assassinos, que cometeram o erro de usar doses pequenas, e ficou como que em conserva, em vez de ser destruído.

*Tutto fa brodo.**

Retomando seu autoexame, admitiu que tinha sido um mau marido — duas vezes. Daisy, sua primeira esposa, ele tinha tratado sordidamente. Madeleine, a segunda, tinha tentado arruiná-lo. Para seu filho e sua filha ele era um pai amoroso, mas ruim. Para seus próprios pais, tinha sido um filho ingrato. Para seu país, um cidadão indiferente. Para seus irmãos e sua irmã, afetuoso, mas remoto. Com seus amigos, um egotista. Com o amor, indolente. Com tudo o que era brilhante, embotado. Com o poder, passivo. Com sua própria alma, evasivo.

Satisfeito com sua própria severidade, regozijando-se de verdade com a dureza e o rigor de seu julgamento, ficou deitado em seu sofá, os braços erguidos atrás da cabeça, as pernas estendidas ao léu.

Mas como ainda somos encantadores, apesar de tudo.

Papai, pobre homem, era capaz de enfeitiçar os pássaros nas árvores, os crocodilos no lodo. Madeleine também tinha grande encanto, e beleza pessoal também, e uma mente brilhante. Valentine Gersbach, seu amante, era um homem encantador também, embora num estilo mais pesado, brutal. Tinha um queixo grosso, flamejantes cabelos cor de cobre que literalmen-

* “De tudo se faz sopa”, com o sentido figurado de “tudo serve” ou “o que não mata engorda”. [As notas de rodapé são do tradutor. Ver Glossário no final do volume para termos em iídiche e hebraico.]

te jorravam da cabeça (nada de Thomas Scalp Specialists para ele), e tinha uma perna de pau, caminhava se curvando e se endireitando graciosamente, como um gondoleiro. Não era pequeno o encanto do próprio Herzog. Mas seus poderes sexuais tinham sido avariados por Madeleine. E, sem a faculdade de atrair mulheres, como ele haveria de se recuperar? Era nesse aspecto que mais se sentia como um convalescente.

A sordidez dessas batalhas sexuais.

Com Madeleine, vários anos atrás, Herzog tinha começado uma vida nova. Ele a tinha tirado da Igreja — quando se conheceram, ela acabara de se converter. Com vinte mil dólares herdados de seu pai encantador, para agradar a sua nova esposa, ele deixou uma posição acadêmica perfeitamente respeitável e comprou um velho casarão em Ludeyville, Massachusetts. Nos pacíficos Berkshires onde ele tinha amigos (os Valentine Gersbach) deveria ser fácil escrever seu segundo volume sobre as ideias sociais dos românticos.

Herzog não abandonou a vida acadêmica por estar se saindo mal. Pelo contrário: sua reputação era boa. Sua tese era influente e tinha sido traduzida para o francês e o alemão. Seu livro de juventude, não muito notado quando foi publicado, estava agora em muitas listas de leitura, e a geração mais jovem de historiadores o aceitava como um modelo de uma nova espécie de história, “história que interessa a nós” — pessoal, *engagée* — e observa o passado com uma intensa necessidade de relevância contemporânea. Enquanto foi casado com Daisy, Moses levou a vida perfeitamente prosaica de um professor assistente, respeitada e estável. Sua primeira obra mostrava, mediante pesquisa objetiva, o que o cristianismo representou para o romantismo. Na segunda ele se tornava mais duro, mais assertivo, mais ambicioso. Havia uma grande dose de aspereza, a bem da verdade, em sua personalidade. Tinha uma vontade forte e talento para a polêmica, um gosto pela filosofia da história. Ao casar com Madeleine e renunciar à universidade (porque ela achava que ele devia), instalando-se em Ludeyville, ele mostrou gosto e talento também pelo perigo e pelo extremismo, pela heterodoxia, por provações, uma atração fatal pela “Cidade da Destruição”. O que ele planejava era uma história que realmente levasse em conta as revoluções e convulsões de massa do século xx, aceitando, com Tocqueville, o desenvolvimento universal e durável da igualdade de condições, o progresso da democracia.

Mas não podia iludir a si próprio quanto a esse trabalho. Estava come-

çando a desconfiar seriamente dele. Suas ambições receberam um freio brusco. Hegel estava lhe criando um bocado de problemas. Dez anos antes, ele tivera a certeza de que compreendia as ideias do filósofo sobre consenso e civilidade, mas alguma coisa tinha saído errado. Estava angustiado, impaciente, irritado. Ao mesmo tempo, ele e sua mulher estavam se comportando de modo muito peculiar. Ela estava insatisfeita. No início, ela não queria que ele fosse um mero professor, mas mudou de ideia depois de um ano no campo. Madeleine se considerava jovem demais, inteligente demais, vital demais, sociável demais para se enterrar nos remotos Berkshires. Decidiu concluir seus estudos de graduação em línguas eslavas. Herzog escreveu a Chicago atrás de empregos. Tinha que encontrar uma colocação para Valentine Gersbach também. Valentine era um locutor de rádio, um disk-jockey em Pittsfield. Não dava para deixar pessoas como Valentine e Phoebe sozinhas naquela roça deprimente, dizia Madeleine. Chicago foi escolhida porque Herzog tinha crescido lá e tinha boas relações. Então ele deu cursos no Downtown College e Gersbach se tornou diretor educacional de uma emissora FM no Loop. A casa perto de Ludeyville foi fechada, uma casa no valor de vinte mil dólares, com livros e porcelana fina inglesa e utensílios novos abandonados às aranhas, às toupeiras e aos camundongos do campo — dinheiro que papai suou para ganhar!

Os Herzog se mudaram para o Meio-Oeste. Mas, depois de mais ou menos um ano daquela nova vida em Chicago, Madeleine decidiu que ela e Moses não podiam dar certo afinal de contas — queria o divórcio. Ele teve que concedê-lo, que mais poderia fazer? E o divórcio foi doloroso. Ele estava apaixonado por Madeleine; não suportava deixar sua filhinha. Mas Madeleine se recusava a continuar casada com ele, e os desejos das pessoas têm que ser respeitados. A escravidão está morta.

A tensão do segundo divórcio foi demais para Herzog. Ele sentia que estava desmoronando — caindo aos pedaços — e o dr. Edvig, o psiquiatra de Chicago que tratava ambos os Herzog, concordou que talvez o melhor para Moses fosse deixar a cidade. Ele chegou a um acordo com o reitor do Downtown College de que poderia voltar quando estivesse se sentindo melhor, e com dinheiro emprestado por seu irmão Shura partiu para a Europa. Não é todo mundo que, ameaçado de ter um colapso, consegue ir buscar alívio na Europa. A maioria das pessoas tem que continuar trabalhando; batem ponto

todo dia, seguem tomando o metrô. Ou então bebem, vão ao cinema e ficam lá sentadas, sofrendo. Herzog deveria ter ficado grato. A menos que você tenha explodido por completo, sempre há alguma coisa pela qual ser grato. Na verdade, ele era grato.

Não ficou exatamente ocioso na Europa, tampouco. Fez uma turnê cultural para a Narragansett Corporation, dando palestras em Copenhague, Varsóvia, Cracóvia, Berlim, Belgrado, Istambul e Jerusalém. Mas em março, quando voltou a Chicago, estava em piores condições do que estivera em novembro. Disse a seu reitor que talvez fosse melhor permanecer em Nova York. Não viu Madeleine durante sua visita. Seu comportamento era tão estranho e, na cabeça dela, tão ameaçador, que ela o alertou por intermédio de Gersbach a não chegar perto da casa da Harper Avenue. A polícia tinha uma foto dele e o prenderia caso o visse nos arredores.

Estava ficando claro agora para Herzog, ele próprio incapaz de fazer planos, como Madeleine planejava muito bem livrar-se dele. Seis semanas antes de despachá-lo, ela o convencera a alugar uma casa perto do Midway a duzentos dólares por mês. Quando eles se instalaram, ele construiu estantes, capinou o jardim e consertou a porta da garagem; montou as janelas contra tempestades. Uma semana apenas antes de pedir o divórcio, ela mandou lavar e passar as roupas dele, mas, no dia em que ele deixou a casa, ela enfiou todas numa caixa de papelão que depois foi jogada escada do porão abaixo. Precisava de mais espaço no guarda-roupa. E aconteceram outras coisas, tristes, cômicas ou cruéis, dependendo do ponto de vista. Até o último dia, o tom das relações de Herzog com Madeleine era bem sério — isto é, ideias, personalidades e assuntos eram respeitados e discutidos. Quando ela lhe anunciou a novidade, por exemplo, expressou-se com dignidade, naquele adorável estilo imperioso dela. Tinha pensado no assunto por todos os ângulos, disse ela, e tinha que aceitar a derrota. Eles não poderiam ter êxito juntos. Ela estava preparada para assumir uma parte da culpa. Evidentemente, Herzog não estava totalmente despreparado para aquilo. Mas ele tinha achado de verdade que as coisas estavam melhorando.

Tudo isso aconteceu num dia radiante e pungente de outono. Ele tinha estado no quintal dos fundos instalando as janelas contra tempestades. A primeira geada já tinha atingido os tomates. A grama estava densa e macia, com a beleza peculiar que ela adquire quando chegam os dias frios e os fios de

teias de aranha pousam sobre ela pela manhã; o orvalho é espesso e duradouro. As folhas dos tomateiros tinham escurecido e as esferas vermelhas tinham irrompido.

Ele tinha visto Madeleine pela janela dos fundos do andar de cima, colocando June para dormir sua soneca, e mais tarde ouviu o som do chuveiro. Agora ela estava chamando da porta da cozinha. Uma rajada de vento vinda do lago fez o vidro emoldurado tremer nos braços de Herzog. Ele o amparou cuidadosamente contra a parede da varanda e tirou as luvas de lona, mas não a boina, como se pressentisse que teria que sair de viagem imediatamente.

Madeleine odiava violentamente o pai, mas não era irrelevante o fato de o velho ser um famoso empresário teatral — chamado às vezes de Stanislávski americano. Ela havia preparado o evento com certo talento cênico muito dela. Vestiu meias pretas, saltos altos, um vestido cor de alfazema com brocados indígenas da América Central. Colocou seus brincos de opala, suas pulseiras e seu perfume; seu cabelo tinha um novo penteado, repartido de outro jeito, e suas pálpebras brilhavam com um cosmético azulado. Seus olhos eram azuis, mas a profundidade da cor era curiosamente afetada pelo matiz variável da parte branca. Seu nariz, que descia das sobrancelhas numa elegante linha reta, contorcia-se levemente quando ela estava especialmente agitada. Para Herzog até mesmo esse tique era precioso. Havia um sabor de submissão no seu amor por Madeleine. Uma vez que ela era dominadora, e uma vez que ele a amava, tinha que aceitar o sabor que lhe era dado. Naquela confrontação na sala desarrumada, dois tipos de egotismo estavam presentes, e Herzog, de seu sofá em Nova York, agora os contemplava — o dela em triunfo (ela preparara um grande momento, estava prestes a fazer o que mais desejava, desferir um golpe) e o egotismo dele em suspensão, todo convertido em passividade. O que quer que ele viesse a sofrer, seria merecido; ele pecara gravemente e por muito tempo; ele fizera jus. Era isso.

Na estante de prateleiras de vidro, erguia-se uma coleção ornamental de garrafinhas de vidro, venezianas e suecas. Vieram com a casa. O sol agora batia nelas. Eram atravessadas pela luz. Herzog viu as ondas, os filamentos de cor, as barras transversais espectrais, e em especial um grande borrão de branco flamejante no centro da parede acima de Madeleine. Ela estava dizendo: “Não podemos mais viver juntos”.

O discurso dela prosseguiu por vários minutos. Suas frases eram bem

construídas. Aquele discurso tinha sido ensaiado e parecia também que ele tinha estado à espera daquela performance.

O deles não era um casamento que pudesse durar muito. Madeleine nunca o amara. Estava lhe dizendo isso. “É doloroso ter que dizer que nunca amei você. E nunca vou amar, tampouco”, disse ela. “Portanto, não faz sentido continuar.”

Herzog disse: “Eu, sim, amo você, Madeleine”.

Passo a passo, Madeleine foi ficando mais distinta, mais brilhante, mais perspicaz. Sua cor se tornou radiante, e as sobranceiras, e aquele seu nariz bizantino, se erguiam, se agitavam; seus olhos azuis ganharam um esplendor que se intensificava sem parar, subindo do seu peito e da sua garganta. Estava num êxtase de consciência. Ocorreu a Herzog que ela o tinha batido de forma tão cabal, satisfazendo tão plenamente o seu orgulho, que sua inteligência transbordava de força. Ele se deu conta de que estava testemunhando um dos momentos supremos da vida dela.

“Você deve se agarrar a esse sentimento”, disse ela. “Acredito que seja verdade. Você de fato me ama. Mas acho que compreende também a humilhação que é, para mim, admitir o fracasso deste casamento. Coloquei nele tudo o que eu tinha. Estou arrasada por isso.”

Arrasada? Ela nunca pareceu mais gloriosa. Havia naquela postura um elemento de teatro, mas muito mais de paixão.

E Herzog, uma sólida figura de homem, ainda que pálido e sofrido, deitado em seu sofá no alongado anoitecer de uma primavera em Nova York, tendo como pano de fundo a energia vibrante da metrópole, uma sensação e um cheiro de água de rio, uma faixa de imundície dramática e ornamental fornecida por New Jersey ao crepúsculo, Herzog na gaiola de sua privacidade e ainda forte de corpo (sua saúde era mesmo uma espécie de milagre; ele se esforçara ao máximo para ficar doente) imaginava o que poderia ter acontecido se, em vez de escutar de modo tão intenso e compenetrado, ele tivesse golpeado Madeleine na cara. E se ele a tivesse nocauteado, puxado seus cabelos, se a tivesse arrastado sob berros e esperneios pela sala, se a tivesse açoitado até tirar sangue das suas nádegas. E se tivesse feito isso! Devia ter rasgado as roupas dela, arrancado seu colar, dado uns socos na sua cabeça. Rejeitou essa violência mental com um suspiro. Temia ser realmente inclinado, em segredo, a esse tipo de brutalidade. Mas vamos supor ao menos que ele tivesse

dito a *ela* para deixar a casa. Afinal de contas, a casa era *dele*. Se ela não podia viver com ele, por que não ia embora? Por causa do escândalo? Não havia necessidade de evitar um pequeno escândalo. Teria sido doloroso, grotesco, mas um escândalo afinal de contas é uma espécie de serviço à comunidade. Só que não tinha passado pela cabeça de Herzog, naquela sala das garrafas cintilantes, defender seu território. Ele ainda pensava talvez que podia vencer mediante o apelo da passividade, da personalidade, vencer por força de ser, no fim das contas, Moses — Moses Elkanah Herzog —, um homem bom, e o benfeitor particular de Madeleine. Tinha feito tudo por ela — tudo!

“Você discutiu essa decisão com o doutor Edvig?”, perguntou. “O que ele acha?”

“Que diferença a opinião dele poderia fazer para mim? Ele não pode me dizer o que fazer. Só o que ele pode é me ajudar a compreender... Eu procurei um advogado”, disse ela.

“Que advogado?”

“Bem, Sandor Himmelstein. Porque é um camarada seu. Ele diz que você pode ficar com ele até fazer seu novo arranjo.”

A conversa terminou, e Herzog voltou para as janelas contra tempestades na umidade verde e sombreada do quintal dos fundos — para seu obscuro sistema de idiossincrasias. Pessoa de tendências irregulares, ele praticava a arte de circular em meio a fatos aleatórios para preparar sua investida sobre o que era essencial. Muitas vezes esperava pegar de surpresa o essencial, mediante um estratagema divertido. Mas nada parecido aconteceu enquanto ele manuseava o vidro rangente, em pé em meio aos ramos pendentes do tomateiro queimados pela geada e amarrados a suas estacas com tiras de pano. O aroma da planta era forte. Ele continuou às voltas com as janelas porque não admitia se sentir estropiado. Temia as profundezas de sentimento que acabaria tendo que enfrentar, quando não pudesse mais recorrer a suas excentricidades em busca de alívio.

Em sua postura de colapso no sofá, braços abandonados sobre a cabeça e pernas estendidas, estirado com menos estilo que um chimpanzé, seus olhos, com um brilho maior que o habitual, observavam seu próprio trabalho no jardim com distanciamento, como se ele contemplasse por um telescópio ao contrário uma minúscula imagem clara.

Aquele bufão sofredor.